



CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL APLICADAS À CLÍNICA NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Adriely Fernandes Xavier¹, Artur Alves de Oliveira Chagas²

1. Estudante - curso de Psicologia; e-mail: adrielyfernandesxavier@gmail.com;
2. Professor - UMC; e-mail: artur.chagas@umc.br.

Área de Conhecimento: Psicologia.

Palavras-chave: Psicoterapia Infantil; Necessidades Especiais; Fenomenologia-Existencial.

INTRODUÇÃO

A psicoterapia infantil contribui para o desenvolvimento socioemocional da criança, auxiliando a criança, bem como, os pais e/ou cuidadores, em todo o processo. O processo psicoterápico assume o papel de facilitador, propiciando um ambiente reflexivo para que os pais, cuidadores, e as próprias crianças (re)ensem suas relações, possibilidades, suas escolhas, por meio de um espaço acolhedor, que permite que o sujeito acompanhado possa experienciar, se escutar, fantasiar e sentir (LIMA e LIMA, 2015). Por meio de técnicas embasadas por referências teóricas da psicologia, a criança experiencia seus mundos: particular e social, entrando em contato com seus conteúdos subjetivos, fantasiando de maneira lúdica, o seu existir (LIMA e LIMA, 2015). A psicoterapia facilita o entrar em contato do sujeito com si mesmo, facilitando perceber-se, compreender os sentidos, e como este é afetado pelo mundo. O atendimento clínico visa se tornar um instrumento de facilitação do sujeito em favor da relação consigo mesmo, desenvolvendo a autenticidade do seu próprio existir, expandido a abertura existencial frente a novas perspectivas de si próprio e das relações que este ente estabelece com o mundo. Visa também auxiliar no enfrentamento de problemáticas, ao compreender que a responsabilidade da liberdade de escolha carece apenas do sujeito, já que este é chamado a se tornar ativo na construção da sua existência, ao ser livre para escolher dentre as possibilidades e se responsabilizar por tais escolhas, incluindo as consequências acarretadas por elas (TEIXEIRA, 2006).

OBJETIVOS

Investigar quais as contribuições mais recentes da Fenomenologia-Existencial aplicadas à clínica no atendimento de crianças com necessidades especiais, bem como identificar o que a comunidade científica tem produzido, no período de 2004 a 2017, acerca do assunto. Analisar os dados dessas produções científicas à luz das compreensões de liberdade e de cuidado de Heidegger. Relacionar o contexto de atendimento clínico e a prática direcionada às crianças com necessidades especiais.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica, no qual se analisou



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC

fragmentos de artigos, como forma de resolução do problema levantado, de acordo com Gil (p.48, 1996) a revisão bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos”. Dentro os critérios de exclusão estão: não foram considerados aqueles artigos que não abordaram o tema e não referenciou corretamente alguma informação. Já como critérios de inclusão estão: os artigos que abordaram sobre alguma das variáveis: Psicoterapia Infantil, Necessidades Especiais, Fenomenologia-Existencial, como tema principal; apresentaram como data de produção o período entre 2004 a 2017; e escritos no idioma português. Para a coleta de dados foram considerados artigos, revistas científicas e livros, pertinentes para a pesquisa, a partir dos critérios de inclusão e exclusão citados anteriormente, no levantamento foram utilizados 20 materiais, dentre eles livros, revistas científicas e artigos. Por se tratar de uma Pesquisa Bibliográfica, não foi necessário o uso de instrumentos éticos, como termo de consentimento livre e esclarecido para aplicação de pesquisa de campo. Primeiramente, definiu-se o tema e quais as delimitações necessárias para realização da pesquisa, bem como o referencial teórico pertinente. Foi realizado um levantamento, na base de dados Scielo e Google Acadêmico, com os seguintes descritores, respectivamente em cada base de dados, “Psicoterapia Infantil”, “Necessidades Especiais” e “Fenomenologia-Existencial”. Aplicou-se os critérios de inclusão e exclusão a partir da leitura detalhada de cada um dos artigos. Foram iniciadas as leituras teóricas sobre o tema da pesquisa, bem como fundamentações fenomenológicas para que fosse possível a análise qualitativa dos dados obtidos nos artigos levantados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O atendimento clínico amplia o conhecimento de si e dos outros, como também, cede mecanismos para lidar melhor com o estresse e experiências incomodas, desenvolvendo novos recursos emocionais e cognitivos, uma vez que abre novas possibilidades existenciais (HEIDEGGER, 2012). Por meio do brincar e da influência do lúdico na psicoterapia infantil, a criança com necessidades especiais estabelece seus vínculos, e constrói sua identidade, além de reorganizar-se frente aos seus conflitos e vivências, é através dela que a autoestima se constitui, influenciando o desenvolvimento das habilidades sociais e o aspecto afetivo dos modos de reconhecimento e expressão dos sentimentos (LOPES, 2017). Os recursos da ludoterapia alinhados as compreensões de liberdade e cuidado de Heidegger (2012), ajudam a criança a tomar consciência de si mesma e da sua existência em seu mundo, cedendo condições para o desenvolvendo de autonomia frente as especificidades do quadro diagnóstico de necessidades especiais, para isso, deve-se oferecer à criança a oportunidade de libertar-se daquilo que priva seus sentidos e seu contato pleno com o mundo. Visto que o cuidado está presente na existência de todo ser, toma-se a importância do cuidado ampliado para com família na relação com a criança, como também, o desdobramento do cuidado que esta família está recebendo de uma possível rede de apoio acerca dessa situação, ou seja, ela precisa ser verificada de ambos os lados na forma ontológica, que se opõe ao descuido e à negligência, mas também ilustra atitude, ocupação, atenção, responsabilidade e participação afetiva mútua. (BOFF, 2014). Durante o processo psicoterápico permite-se as aparições de alguns fenômenos, dentre eles estão: que a criança se revele por si mesma, tomada de responsabilidade quanto ao seu próprio projeto existencial e a liberdade dentre as possibilidades para com o seu existir, tais princípios são assumidos no deixar-vir-a-ser da criança para si mesma. A atenção fenomenológica inclui o abandono de toda e qualquer identidade estabelecida previamente para a criança, seja em outras formas relacionadas ao diagnóstico, expectativas familiares

**REVISTA CIENTÍFICA DA UMC**

ou sociais. Em termos de fenomenologia, o psicólogo deve deixar a criança em liberdade, para depois deixá-la sob sua própria guarda, sendo ela a responsável pela tarefa indispensável do cuidado para com o seu existir. Nesses pensamentos, a liberdade ocupa um lugar de destaque, pois a liberdade é livremente escolhida entre as possibilidades dadas à existência. Enquanto são livres, as crianças são responsáveis pelas possibilidades de escolha. Ao assumir a responsabilidade, sente-se a angústia de ser convocada a lidar com o futuro incerto e as consequências de suas escolhas. Cytrynowicz (2018) aponta para o risco de não considerar a existência do ser responsável já na infância. Sobre tal risco, a autora aborda os pressupostos da psicologia do desenvolvimento e os padrões pretendidos para conduta e crescimento para atingir as marcas do neurodesenvolvimento. Cytrynowicz (2018) ainda traz a imposição de um modelo único de conduta como desvantagem para o desenvolvimento infantil, já que restringe a possibilidade da criança se posicionar no mundo, agir e reagir de modo livre aos diferentes contextos que ela está inserida. Esse estreitamento, gera a possibilidade de a criança vivenciar um modo adoecido frente a sua existência. Ao estar exposta no mundo a criança o experiencia, ampliando, desse modo, sua consciência acerca de si mesma e do mundo que a cerca, reconhecendo-se a partir dele. Assim, na relação terapêutica procura-se perceber o que aparece espontaneamente na realidade subjetiva da criança e o que permanece encoberto em seu mundo. Quando a criança adentra o processo psicoterápico, o terapeuta se apresenta e lhe questiona sobre o motivo de estar ali em atendimento. Este apresenta o setting terapêutico como um espaço lúdico, apontando as possibilidades e os recursos presentes, como papel, material de montagem, tabuleiros, livros, giz, massinha de modelar e lápis, além de demais brinquedos estruturados ou não-estruturados. Neste momento, trabalha-se o exercício da conscientização, em que a criança reconhece a possibilidade de escolha, no qual o terapeuta assume uma posição não-diretiva e o ente atendido se vê ao encontro do princípio da liberdade para com a existência de si mesmo. Com isso, compreende-se as contribuições da fenomenologia existencial como modo de aproximação para a compreensão da realidade dos acompanhados nos atendimentos psicoterápicos, em que se observa e desenrola as amarras daquilo que se manifesta, para com os fenômenos marcados por liberdade, finitude, tonalidades afetivas e cuidado, dentre outros conceitos da Analítica Fenomenológica- Existencial de Martin Heidegger. Nos atendimentos clínicos de crianças com necessidades especiais há a manifestação frequente do sentimento de culpa para com o diagnóstico, indo ao encontro da experiência de falta com o outro e para consigo, no caso, da aceitação por parte dos cuidadores e da própria criança em questão do processo de luto do diagnóstico. Na perspectiva fenomenológica adota-se o termo ressignificar quando se trata do fenômeno do luto, buscando assim, novos modos e possibilidades de existir no mundo, novas compreensões para se relacionar-se com ele e com a ausência do ideal até então cristalizado, por expectativas projetadas dos cuidadores aos filhos e/ou outros entes. Além de trabalhar as fases do processo da perda que atravessam sentidos de negação, raiva, barganha, depressão até mesmo a aceitação, se percebe a necessidade de investigar como se deu a história desses sujeitos e que os fazem olhar para a situação dessa forma. É necessário termos em mente, que este método interrogativo deve ser compreendido por meio da dinâmica familiar, de como os cuidadores se relacionam para consigo próprios, para com a criança ali atendida, bem como, na perspectiva da criança para com ela própria e para o mundo que a constrói, suas referências internas e externas a partir do seu ser-para-o-mundo e para o ser-para-com-os-outros.



CONCLUSÃO

Diante da revisão literária e da produção do presente projeto pode-se compreender que no contexto do atendimento clínico e da prática direcionada às crianças com necessidades especiais se tornam de grande relevância as contribuições da fenomenologia-existencial, alinhados à ludoterapia para concretização do processo de inclusão, e de validação da subjetividade das crianças atendidas, por meio da compreensão do cuidado consigo mesmo, com os outros, e em como estes se localizam em seu mundo. Notou-se também, a importância de adotar a compreensão de liberdade existencial no processo da psicoterapia infantil, visto que se espera desenvolver autonomia frente as especificidades dos quadros diagnósticos das crianças acompanhadas. Foucault (1988) traz em seu discurso e em sua perspectiva de sujeito, a prática de liberdade, cuja qual é baseada em um cuidado de si. Por meio de uma análise histórica, a educação é vista por Foucault (1988) como uma estrutura mantida por atitudes de vigilância e controle dos corpos e da consciência. Nesse sentido, temos também a contribuição de Cytrynowicz (2018) para a educação como liberdade, liberdade esta de vir-a-ser, de inúmeras possibilidades de existir para com o seu projeto de vida ainda na infância, através da possibilidade de transformação de seu estar no mundo e na ampliação das suas possibilidades existenciais. A educação é um ato de conscientização, e esta ocorre dentro da clínica terapêutica a todo momento, concretizando através de uma série de mediações, desde a organização de materiais, intervenções, escuta qualificada e planos concretos de ação. Com isso, percebe-se a correlação da liberdade frente as possibilidades e a autonomia frente o protagonismo assumido no projetar-se das próprias crianças em atendimento para com seu existir por meio da prática clínica e da ludoterapia.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CYTRYNOWICZ, Maria Beatriz. *Criança e Infância: Fundamentos Existenciais*. São Paulo: CHIADO, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1 -A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro:Edições Graal, 1988.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- LIMA, Gerlena Correia; LIMA, Deyseane Maria Araújo. **O brincar como meio facilitador da expressão da criança sob a perspectiva da Gestalt-terapia**. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 28-52, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18072526201500010003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 05 jun. 2020.
- LOPES, Mayara da Silva. **O brincar em seu contexto cultural: percepções a partir de um relato de experiência**. 2017. Disponível em: Acesso em: 01 abril. 2020.
- TEIXEIRA, José A. Carvalho. **Introdução à psicoterapia existencial**. Aná.



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



Psicológica, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 289-309, jul. 2006. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087082312006000300003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 01 jun. 2020.